

HISTÓRIA E LITERATURA: O ENTRECruzAMENTOS ENTRE A FICÇÃO E O REAL

HISTORY AND LITERATURE: THE INTERTWINING BETWEEN FICTION AND REALITY

Ariane Avila Neto Farias¹, Anderson Martins Pereira²

RESUMO: O século XX produz diferentes estudos que afirmam a possibilidade de aproximação entre História e Literatura. Além disso, são muitos os teóricos que entendem tais termos como áreas que se entrecruzam. Desta maneira, cada vez mais historiadores percebem as páginas literárias como meio para o entendimento dos âmbitos histórico e social de determinadas épocas, bem como são diversos os literatos que compreendem a importância da história em sua escrita. A partir de tais apontamentos, o presente trabalho tem como principal objetivo, tomando como base os trabalhos de autores como Hayden White (2001), Roger Chartier (1994) e outros, refletir acerca da utilização da literatura como fonte de pesquisa histórica e demonstrar o constante crescimento dos debates sobre o tema aqui estudado.

Palavras-chave: Literatura; História; fonte histórica.

ABSTRACT: *The twentieth century brings different studies that affirm a possibility of approach between History and Literature. There are also many theorists who understand these terms as intertwined areas. In this way, more historians perceive literary pages as a mean for the understanding of the historical and social values of determined epochs, just as there are several literates who understand the importance of history in their writing. Taking for granted such presumptions, the present work has as the principal aim, basing itself in Hayden White (2001), Roger Chartier (1994) and others, to discuss about the use of literature as a source of historical research and to demonstrate the steady growth of debates on the subject studied here.*

Keywords: *Literature; History; historical source.*

INTRODUÇÃO

Debates acerca das aproximações entre História e Literatura datam de muito tempo. O diálogo entre essas duas áreas é um campo de pesquisa que se desenvolveu significativamente no Brasil a partir dos anos 1990 e, hoje, se trata de uma temática promissora em relação às pesquisas e trabalhos publicados no meio acadêmico (PESAVENTO, 2006, p. 02). São diversos os novos objetos, abordagens e temáticas que surgem, modificando profundamente a produção intelectual dos historiadores. Não é de hoje que diferentes teóricos se questionam sobre os limites entre tais áreas e, por consequência, as fronteiras entre realidade e ficção.

Há diferentes questões que articulam o debate que aproxima as narrativas histórica e literária, ao entender ambas como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, enxergamo-las como narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, que oferecem o mundo como texto. É, dessa maneira, que as ideias defendidas por Aristóteles de que a ficção e a arte estariam completamente distantes do real e de que o historiador “só poderia falar a respeito daquilo que aconteceu” e de que caberia ao poeta falar apenas “sobre o que poderia acontecer” (HUTCHEON, 1991, p.142) vão perdendo sua força e sentido. É assim, que as constantes discussões sobre o tema trazem à tona a dificuldade em se distinguir os dois campos.

Entende-se a História como representação do passado, instrumento de designação de acontecimentos registrados pela escrita ou oralmente. Já a Literatura, é compreendida a título de textos de ficção de todo tipo, bem como o estudo e a análise de tal fenômeno. Percebe-se a partir de tais definições que esses termos carregam questionamentos bastante complexos em seu escopo. No confronto desses termos, distinguem-se dois aspectos que tornam a determinação de sua atuação uma zona cinzenta: o primeiro decorrente da constatação de que os textos literários são/podem ser fatos históricos e o segundo, referente ao discurso, instrumento utilizado por ambas.

No que concerne ao espaço reservado a História, de acordo com Sandra Pesavento, esse seria regido pelo vínculo que vai estabelecer com seu objeto, sendo seu objetivo o de chegar a uma verdade sobre o acontecido que mais se aproxima com o passado, sua maior diferença em relação à Literatura (2004, p. 82). Sobre o mesmo tema, a teórica Valdeci Borges (2010) coloca a História “[c]omo processo social e como disciplina, e a literatura, como uma forma de expressão

artística da sociedade possuidora de historicidade e como fonte documental para a produção do conhecimento histórico” (BORGES, 2010, p. 94).

Pelo exposto acima, o presente trabalho objetiva, a partir dos apontamentos de influentes teóricos da atualidade, refletir acerca das aproximações, que ganharam força com a chegada do século XX, entre História e Literatura, sugerindo o papel importante da segunda na construção da primeira. Compreende-se aqui, a interdisciplinaridade como oportunidade para o enriquecimento no ensino da disciplina História e no desenvolvimento da historiografia, considerando-se que toda produção cultural apresenta sua historicidade, que é construída num tempo e espaço.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O historiador Hayden White, um dos principais estudiosos da temática, afirma que “antes da Revolução Francesa, a historiografia, entendida como a escrita da história, era considerada, convencionalmente, uma arte literária. [...] Era tida como um ramo da retórica, com sua natureza ‘fictícia’ geralmente reconhecida” (2001, p.39). Isto é, era por meio de técnicas ficcionais, do exercício literário, que se dava a representação de fatos. White frisa ainda que o passado nos mostra que em algum momento:

A história passou a ser contraposta à ficção, e sobretudo ao romance, como representação do “possível” ou apenas do “imaginável”. E assim nasceu o sonho de um discurso histórico que consistisse tão somente nas afirmações factualmente exatas sobre um domínio de eventos. (2001, p.139)

O teórico também salienta que –indo ao encontro do difundido por Aristóteles, no período do início do século XIX -cabia ao historiador o papel de suprimir qualquer traço ficcional do discurso. A História deveria trilhar um caminho oposto ao da Literatura. A primeira estaria preocupada com a escrita do real/factual. Entretanto, salienta White, que mesmo naquela época, não estava bem claro o fato de que em um discurso, na medida em que este é elaborado por um sujeito, os fatos não falam por si. Segundo o mesmo, com objetivo de organizar os elementos que compõem um fato, era exercício do historiador a utilização das mesmas estratégias usadas por um poeta, encaminhando a escrita da História para um caminho de vinculação a escrita da Literatura.

Sobre tais aproximações, Sandra Pesavento em *História & História Cultural*, afirma que:

[...] a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, e, sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. [...] A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado. (2003, p. 58-59)

Desta forma, a escrita da História é, então, entendida como um construto intertextual; sendo a leitura, instrumento de interpretação dos historiadores, empregada, em uma ótica relacional entre o documento utilizado na pesquisa, à historiografia e à teoria congruente ao tema escolhido. A utilização de tal método possui papel fundamental no processo de pesquisa, além de possibilitar que demais pesquisadores, assim como os leitores, possam trilhar o mesmo trajeto na perspectiva de convergir com a narrativa histórica apresentada ou refutá-la.

Tais reflexões corroboram com o entendimento de que tanto História quanto Literatura são formas de explicar o nosso presente, assim como de inventar o passado e pensar o futuro, utilizando-se de estratégias retóricas que transformam em narrativa os fatos sobre os quais aborda. Ambas são formas de representar questões que são pertinentes aos homens da época em que são produzidas, possuindo um público destinatário e leitor. Os dois tipos de narração também pressupõem estratégias de sistematização do real, procurando coerência nos laços e nexos que dependem dos dados e significações que são levados a seu público (PESAVENTO, 2006, p. 03).

Já para Lukács (1966), os cidadãos europeus começam a perceber o papel da história em virtude das revoluções civis. Para o autor, esses movimentos sociais perpassam o literário e o motivam a englobar essas inquietações. No mesmo movimento, um novo gênero desperta na pós-modernidade, necessita nova definição e se legitima por Hutcheon (1991). A autora demonstra que a pós-modernidade se apropria do passado, mas o questiona sob o julgamento de seu próprio contexto. Contudo, teorias e criações de textos que deem conta da especificidade sociais demonstram a necessidade do homem de narrar sua história. Hutcheon (1991) pontua que o espaço da literatura de narração histórica não apenas

se legítima, mas tanto ela como a história produzem significação para o encontro do sujeito com o passado.

Na atualidade, com os avanços dos estudos nas duas áreas do conhecimento, ao se pensar que aquele que escreve textos literários está historicamente posicionado e influenciado pelo momento de sua escrita, compreende-se que a literatura pode sim ser considerada um fato histórico, tomada como diferentes representações da História. Nesse sentido, o contexto em que tais obras são produzidas não pode ser ignorado, já que muito de seu significado se encontra em seu lugar de criação. A partir de tal afirmativa, parece, assim, que a historicidade da Literatura é relativa à sua própria essência. De certo modo, todo romance é histórico ao se considerar sua associação com um determinado contexto fático espaço-temporal. Porém, tal relação deve ser superada na medida em que a Literatura se compreende historicamente quando vai além de sua própria historicidade.

É a História Cultural, em uma de suas vertentes mais recentes, que vai preocupar-se com as relações entre História e Literatura. Estas, segundo Pesavento, “se resolvem no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real” (2006, p. 3). A autora ainda acrescenta que História e Literatura correspondem a narrativas explicativas da realidade que, no tempo e no espaço, ganham novos ares, e com forte traço de permanência ancestral. Há muito tempo, pelo uso de suas diferentes formas, ambas, pela expressão da linguagem, sugerem o visto e o não visto do mundo (2006, p. 4). Acompanhando o ofício da História, o papel de engajamento da Literatura vai ganhando força. A crítica e a denúncia das injustiças sociais fazem parte das linhas de ambas, ficando evidente o fato de que não há Literatura sem o contato com a cultura e a sociedade trazidas por ela. É assim, que ela surgirá como uma forma de avaliação das estruturas vigentes bem como das inquietações existentes.

Hoje, são diversos os pontos que colocam Literatura e História em um mesmo debate, aproximando-as e entrecruzando suas narrativas; diferentes formas de entendimento de que seus discursos dão respostas às questões do sujeito sobre o mundo, respondendo a seus desejos e expectativas sobre a realidade. As duas áreas tratam o mundo tendo o texto como ponto de partida.

Quanto ao olhar teórico, são muitos os que trabalham com as aproximações e diferenças entre os dois temas. O estudioso Sevcenko, por exemplo, reitera o papel do historiador é o de se ocupar com a realidade, enquanto o escritor é atraído pelo “vir-a-ser”, pelas múltiplas possibilidades de construção de algo (2003, p. 59). Entretanto, Roger Chartier assume uma posição contrária a do primeiro teórico apresentado. Para ele, são muitas as razões que de alguma maneira contribuem para o não esclarecimento da distinção entre História e Literatura. A primeira seria “a evidenciação da força das representações do passado propostas pela literatura” (2009, p. 25), acompanhada do “fato de que a Literatura se apodera não só do passado, mas dos documentos e técnicas encarregados de manifestar a condição de conhecimento da disciplina histórica” (2009, p. 27), e da noção de que “no mundo contemporâneo, a necessidade de afirmação ou de justificação de identidades construídas [...] costuma inspirar uma reescrita do passado que deforma [...] as contribuições do saber histórico controlado. A capacidade crítica da história [...] deve submeter as construções interpretativas a critérios objetivos de validação ou de negação” (2009, p. 30). Na defesa de que o historiador pode aprender técnicas com o discurso literário, temos Bruke. Contudo, o teórico salienta a impossibilidade de invenção pelo historiador.

Tais apontamentos levam ao entendimento do caráter não estático da narrativa; a literatura não está apenas no texto em si – o público também possui grande responsabilidade no processo de significação. Chartier (1994) reitera esta questão afirmando que

as obras – mesmo as maiores, ou sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os experts sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce (CHARTIER, 1994, p. 09)

A Literatura deve ser compreendida como tendo como referências os diversos contextos que a cercam (cultura, social, filosófico). Ela é dinâmica, é um processo envolvendo atores historicamente situados em contextos sociais claramente definidos.

Ao tomar a Literatura como fonte historiográfica, de acordo com Pesavento, é que o estudioso toma conhecimento de resquícios de um passado que se transformará em uma fonte carregada de nova significação e que, de alguma forma, (re)orientarão seu olhar de historiador. A autora ainda completa sua arguição afirmando que “se são discursos, são representações discursivas sobre o que se passou; se são imagens, são também construções sobre o real” (2004, p. 04).

Ademais, Pesavento pontua,

a literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. [...] Para além das disposições legais ou códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma. (PESAVENTO, 2003: 82-83)

Além da relação exposta acima, se faz necessária a defesa da necessidade intrínseca ao sujeito que é o do ato de narrar. De acordo com Miller (1990), desde tempos imemoriais somos perpassados por narrativas e necessitamos delas para nos constituirmos enquanto seres humanos. Durante períodos de mínima organização tribal, desenvolvemos narrativas minimalistas para passar informações, conhecimentos, valores e assim nos organizarmos socialmente (HOWITT-DRING, 2011).

Na contemporaneidade, essa afirmativa nos parece mais pungente. A sociedade ficcionaliza suas vivências, as compartilha de maneira multimídia e espera que elas sejam lidas com o mesmo afinco com que se necessita ler narrativas de outros. A narração, segundo Miller (1990), é intrínseca ao ser humano. Ao transformarmos um fato em linguagem o ressignificamos, escolhendo as partes que serão postas em evidência, em segundo plano ou excluídas, tornando-o ficção. A partir do exposto, entende-se, então, que os fatos narrados são perpassados pela memória.

Sarlo, no mesmo sentido, no livro *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), desmistifica o lugar da história, trazendo a subjetividade como parte integrante do relato, mesmo que este seja feito por alguém que o tenha presenciado.

Apresenta-se como novidade algo que pertenceu à ordem do evidente: se o passado não foi vivido, seu relato só pode vir do conhecido através de mediações e, mesmo se foi vivido as mediações fazem parte desse relato. (SARLO, 2007, p.92)

Desta maneira, compreende-se que o relato é interpelado pelo sujeito. Essa ideia não apenas questiona a noção de história como verdade, mas também impõe o problema de fontes. Como dar voz a uma vasta gama de diferentes indivíduos? A sociedade está em busca de uma verdade ou de várias e plurais verdades? Assim, através destes questionamentos impõe-se um novo mosaico, que impugna ao indivíduo um diferente olhar em relação às narrativas do passado.

É baseado nas das indagações de um contexto trazido pela Literatura, em sua pesquisa, que a relação desta com a História torna-se frutífera e enriquecedora. Questões levantadas pelos estudiosos trazem à tona a descoberta, nas linhas literárias, de novas pistas para investigação do passado.

METODOLOGIA

Buscando a reflexão acima proposta, o presente trabalho delinea-se pela leitura de teóricos que discorrem acerca do tema aqui estudado. Para tanto, a leitura de estudiosos como Hayden White, Beatriz Sarlo, Linda Hutcheon, Roger Chartier e Sandra Pesavento são relevantes para a construção de um estudo que ratifique as possíveis aproximações entre História e Literatura, demonstrando o quão híbridas são tais áreas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a Literatura só existe a partir de seu contato com o social e cultural, o escritor está completamente inserido em um contexto quando escreve. Desta maneira, diante da discussão apresentada, entende-se que as obras ficcionais podem ser lidas como entretenimento ou com lócus privilegiado para a leitura da sociedade em foco, além de contribuir para os avanços na dimensão cultural como para questionarmos e refletirmos acerca das questões sociais, tornando-se uma fonte documental privilegiada para pensar a História. Contudo, tal entendimento, da Literatura como espaço de estudo historiográfico, traz consigo a importância do cuidado que o historiador deve ter ao lidar com as diferentes categorias utilizadas por ela para narrar. Lidar com as manifestações literárias que sempre apresentam

traços heterogêneos, caracteres múltiplos e contraditórios, exige um exame minucioso de cada autor e dos pormenores que particularizam cada obra.

REFERÊNCIAS

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. In: **Revista de Teoria da História**, Ano 1, n. 3, Goiás: junho/ 2010.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary Del Priore. -2.ed.- Brasília: Editora da UnB, 1994.

HOWITT-DRING, Holly. **Making micro meanings: reading and writing. Short Fiction in Theory**. Ed. Alissa Cox. Bristol: Intellect Ltd Articles, 2011.47-58

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LUKÁCS, George. **La novela histórica**. Tradução: Jasmim Reuter. -1.ed. México D.F.: Era, 1966.

MILLER, J.Hillis. **Narrative. Critical Terms for Literary Study**. Ed. Frank Lentricchia and Thomas McLaughlin. Chicago: The University of Chicago Press, 1990. 66-79.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura**. História da Educação, Pelotas, p. 31 - 45, 01 set. 2003.

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 2 ed.

_____. **História & literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 2003, 2 ed.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001.